



DE 'SALTO ALTO' NA ESCOLA: E-LABOR-AÇÃO COLABORATIVA DE MATERIAL PEDAGÓGICO SEXUALIDADES NEGADAS POR/PARA PROFESSORES

JACIEL ALVES DOS SANTOS

EIXO: 21. MESTRADO PROFISSIONAL, PESQUISA APLICADA NO ENSINO E NA SALA DE AULA

Este texto é parte dos resultados da pesquisa do tipo etnográfico vinculada ao MPED-UFBA e foi possibilitada pelo fato de um aluno de uma escola do interior do município de Ibititá-BA ter se tornado menino no ano em que iniciei a pesquisa (2011). Conta disso, foi possível perceber uma lógica de negação baseada numa heteronormatividade compulsória que se perpetua na e fora da escola. O material pedagógico dificulta – para não dizer impossibilita – o trabalho com a temática de figurar em diversos documentos: Diretrizes, Temas Transversais, Resoluções, etc. Este texto propõe, como opção temos como currículo, a e-labor-ação de material pedagógico alternativo para a rede de educação do referido município. Este termo está diretamente ligado ao projeto de formação de professores que tem nas sexualidades negadas e na internet o trabalho, formação e produção de conhecimento.

Palavras-chave: Currículo homofóbico; Educação; E-labor-ação.

Introdução

Este texto tem como principal objetivo apresentar os resultados – ainda parciais – da pesquisa do tipo etnográfico (1995) ligada ao *Mestrado Profissional em Educação, Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas* – MPED - UFBA. De uma parte do projeto de intervenção que estou desenvolvendo, a partir de uma imersão no *locus* da pesquisa professor-pesquisador – não necessariamente nesta ordem – que teve como principal objetivo compreender o (não)-trabalho do tema das sexualidades em seu currículo, o que acaba negando as sexualidades excêntricas e anormais (Louro, 2011), ao mesmo tempo em que elege, reforça e privilegia as tidas como hegemônicas.

Este texto se estrutura em três partes. Na primeira busco trazer um panorama do município. Um pano de fundo insere a rede de educação na qual trabalho e realizo este trabalho de pesquisa.

Na segunda seção intitulada *Thalia: um 'salto alto' na escola*, busco apreender o caráter simbólico das conformações dos papéis de gênero (Butler, 2014), a partir do sapato de salto alto que um aluno resolve usar para ir à escola – pesquisa quanto isso provoca e desestabiliza a “ordem” escolar e acaba revelando os nossos limites em lidar com as diferenças, as sexualidades.

Por fim, na terceira parte, busco evidenciar como será o projeto de intervenção na rede que tem no ciberespaço de trabalho, produção de conhecimentos e e-labor-ação de material alternativo sobre sexualidades negadas no/pelo currículo homofóbico. Vale enfatizar, que, dada a extensão deste texto, não pude detalhar o cronograma do curso para formar professores sobre a temática, todavia isso não impede que tenhamos uma visão geral do que será esse trabalho.

Onde fica Ibititá?

*Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, frequentá-la;
captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada;*

a de economia, seu adensar-se compacta:

lições de pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la.

Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).

No Sertão a pedra não sabe leccionar,
e se leccionasse não ensinaria nada;

lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nascença, entranha a alma.

A educação pela pedra de

(João Cabral de Melo Neto)

Embora o machismo existisse em suas mais variadas formas por todo o Brasil, ele teve significado determinante em Ibititá – uma sociedade marcadamente patriarcalista – constitutivo de regimes sociais e depois de governos marcados pelo coronelismo, onde quem decidia era apenas os homens-chefes-locais, a figura do macho.

A cidade de Ibititá surgiu a partir de Rochedo, nome dado à localidade por causa da grande quantidade de pedras existentes nas proximidades do centro. Essas pedras afloram da terra formando belos desenhos esculpidos pelo tempo. Tais rios propiciaram o armazenamento de água para a população durante os períodos de seca, daí a grande importância desta para o povo da região.

Ibititá, palavra de origem Tupi, significa pedra da montanha, pedra do monte, pedra da serra ou colina de pedra. *Ibi* montanha, colina; *Ita*: pedra.

Poucas famílias detinham a posse da terra através de disputas acirradas e por meio de imposição do poder garantido por muitas brigas. Esta parte da história, ao que tudo indica, deixa marcas no modo como a sociedade, como um todo, encarava os papéis sexuais. Por aqui, a figura do homem sempre está atrelada à atividade e à agressividade e a imagem é ligada à passividade, ao sensível e à obediência resignada.

Volta e meia, havia uma querela por terra ou qualquer outra coisa e, logo, estavam de armas na mão para a disputa. Nesse pano de fundo de relações de poder estabelecidas, no qual o homem é o centro, que é formado o município de Ibititá. Um aspecto que cumpre reiterar é que, neste contexto marcado pelo ser home-macho, imperava a heteronormatividade compulsória, não havendo, portanto, a possibilidade de alguém ser diferente. Aqui entendo heteronormatividades heterossexuais hegemônicas, pois as mulheres, os homossexuais e as profissionais do sexo não eram/são valorizadas socialmente.

Há relatos, inclusive, de que os pais levavam seus filhos para “desvirginarem-se” em prostíbulos que ficam às margens da cidade. Esta imposição era social, do coletivo. Podemos imaginar como era para o menino que não desejava fazer isso, se sentia pressionado pela sociedade a fazê-lo. Muitos homens contam que juntavam o dinheiro, por meses, para sua primeira relação com uma prostituta e isso é comumente dito de forma natural e é aceito como uma *performance* masculina de respeito que possibilitem que gozem de vantagens antes inacessíveis.

Segundo Richard Parker,

Ao entrar na adolescência, espera-se que os garotos ou jovens, que são vistos, da perspectiva da hierarquia hegemônica de gênero, como bem-sucedidos na construção de (ou nos quais a sociedade construiu com sucesso) uma postura “a respeito a sua identidade de gênero, demonstrem e até mesmo sigam implacavelmente seu desejo pelo sexo oposto. (Parker 2002, p. 58)

Ser ativo e agressivo, desta forma, é valorizado socialmente. João Silvério Trevisan (2011) chama esse comportamento hipermasculinidade. Trata-se de comportamentos e atitudes exarcebadas para reafirmar uma masculinidade que é socorrida e valorizada. É um comportamento viril que, dentro dos papéis de gênero, tanto é cobrado e imposto pelos homens quanto pelas mulheres.

É de se salientar, também, que esses comportamentos criaram formas de privilégios sistemáticos que podem ser despercebidas, mas que podem e devem ser questionadas. O que assusta, ainda mais, é que as mulheres, em geral, reproduzem esse machismo histórico. O homem é o centro que decide e pode tudo. Os não-brancos, os não-heterossexuais e as mulheres são colocados em posicionamentos marginais e na condição de ‘outro’.

Isto está de acordo com o que afirma Rossi (2014, p. 284), para quem, no mundo moderno ocidental a ficção do homem branco, adulto, heterossexual, dotado de satisfatória remuneração e assertividade nas relações de produção e reprodução social.

Nossa sociedade tem, com bastante frequência e de forma reiterada, facilidade em condenar sujeitos cuja masculinidade não se adequa ao padrão dominante. Marginalizamos os que desobedecem ao padrão.

Desestabilizar as relações de poder e as formas de machismos, historicamente delineadas e institucionalizadas é necessário, principalmente quando se leva em conta que a escola deve ser de todos e que todos podem e devem ser potenciais de direitos.

Dessa forma, buscar fissuras nas estruturas hegemônicas pode ser uma possibilidade, uma vez que os grupos subalteros, incluindo principalmente o LGBTQI+, reivindicam espaços, direitos e visibilidade.

Thalia: 'um salto alto' na escola

"O meu olhar se prenderá aos teus sapatos. Amo-os como te amo a ti (...). Aspiro o seu perfume, o seu aroma de ..." (romance **Madame Bovary**, Gustave Flaubert)

Neste ponto do trabalho, pretendo propor uma reflexão e uma comparação que tem como objetivo orientar a pesquisa em um enfoque capaz de apreender a *dimensão simbólica da dominação masculina* (Bourdieu, 2014, p. 9) que se pode ver socialmente estabelecido e a negação do não-masculino de muitas formas nos mais variados espaços, incluindo a escola.

Rosalinda é a personagem principal da novela mexicana *Rosalinda* (cujo nome da atriz, na vida real, é Ariadna Thalia Miranda), reprisada pela terceira vez no Brasil, a partir de 2 de fevereiro até 11 de junho de 2013. Não por acaso, a atriz escolhe o segundo nome da atriz e o sobrenome de sua personagem da novela (mais exclusivamente em sua fase de ascensão socioeconômica). Essa novela foi exibida no canal SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) e esta escolha do nome por ela desencadeia em sua marcação, ainda mais evidente do próprio corpo, com características tidas como femininas.

A personagem trabalha como vendedora de flores para ajudar no sustento de sua família que é pobre e que mora numa espécie de cortiço. Ela apaixona-se por um homem que tem posses, Fernando José Altamirano de Castilho, um sofisticado advogado e toca piano. Ela é apenas Rosalinda e ele, Fernando José Altamirano de Castilho, numa clara forma de que ele é de classe socioeconômica privilegiada e goza de posições superiores. Tem nome e sobrenome, o que reforça numa evidente marcação de superioridade masculina, que resgata a mulher pobre e indefesa, uma mera florista.

Dito de outro modo, a novela impulsiona a aluna a desejar protagonizar seu próprio destino e escolher seu nome social. Esta escolha e a internalização do nome pela aluna e pelas outras pessoas da escola não se dá de modo tranquilo. Ainda comum ouvirmos chamarem-na pelo nome de batismo o que, para ela, é uma agressão. Na novela ou na vida real, é buscarmos a imagem social que almejamos nos espelhos, muitas vezes, quebrados que a sociedade nos mostra.

Deixando de lado uma discussão acerca dos gêneros e suas conformações sociais, ater-me-ei à mudança empreendida por Thalia que coincide com as mudanças da personagem na novela citada acima. Diria até que a escolha da aluna Thalia é motivada pela personagem, uma vez que esta sofre uma mudança muito acentuada de posição social e feminiliza-se, alcançando posições sociais superiores. Tudo isso proporcionado pela riqueza de seu marido. Thalia posiciona-se definitivamente, como menina no mesmo ano em que é reprisada a novela mexicana: 2013. A florista, que fora adotada criança, tem uma boa relação com sua mãe adotiva e isso também se assemelha à história da aluna Thalia que não tem uma relação boa com os irmãos - por conta de seu "comportamento destoante" -, mas que vê na mãe uma espécie de apoio.

Nesta mesma época, a escola passou por um turbilhão de descontentamento, pois Thalia fazia questão de ser chamada pelo nome social. Isto é inaceitável para práticas pedagógicas baseadas apenas no binário homem e mulher. A fala do professor Alberto, que ministrava aula de Matemática para a aluna em questão, é bastante emblemática frente à necessidade de discussão docente acerca das sexualidades e suas manifestações nos espaços escolares. Ele é enfático em dizer sobre a aluna, "Eu confesso que não tô preparado para lidar com Carlos[i]. Quando pedia para dividirem a turma em dois grupos, de meninas e meninos, ele vai para o grupo das meninas. Por muitas vezes, pedi para voltar para o outro grupo e ele ia com elas. Agora nem peço mais trabalho desse tipo para evitar."

O nome marca, portanto, essa reviravolta. Uma mudança drástica. Como se simbolizasse esse desejo de mudança que se vê na escola e no contexto familiar, como se fosse uma busca por socorro, por uma situação mais confortável que se concretiza no mundo objetivo e encontra vazão no mundo onírico e da fantasia. Quando, em 2013, Thalia desistiu de estudar e fugiu de casa para Salvador, ela levou apenas um vestido de sua mãe e um sapato de salto alto. Como menina e, por isso, cercada por caronas com caminhoneiros, ela chega à capital da Bahia onde fica por dois meses sem dar notícias ou voltar para escola. Esta telenovela é uma versão moderna da história infantil *Cinderela*[ii] que conta a história de "uma moça muito bonita, inteligente e triste", porém pobre que morava num castelo cuja dona era má e a forçava a fazer os trabalhos domésticos. Certo dia o Rei convidou todas as moças da vizinhança para um baile, mas Cinderela não poderia ir, pois não tinha sapatos adequados. Num passe de mágica, "A fada tocou a varinha de condão em Borracheira, e ela surgiu num vestido bonito. Uma abóbora virou carro; os ratinhos fogosos cavalos brancos; seus tamancos de madeira, ricos sapatos de cristal".

Vale frisar que o sapato de salto alto, socialmente, é tido como um objeto que feminiliza ainda mais a mulher e marca a transição de uma fase infantil para outra adulta, simboliza um rito de passagem em que a garota se insere no mundo social. Isto é, a mulher apta para se relacionar com o sexo oposto (o que é esperado socialmente e que, na prática, nem sempre ocorre). É muito comum as atrizes de filmes pornográficos encenarem usando apenas o sapato de salto alto. Estaria deste modo de salto alto ligado ao fetiche de sedução e desejo sexual?

Há socialmente uma evidente exaltação da elegância na qual os sapatos exercem papel preponderante. Signos e símbolos caracterizados por eles que espelham valores inerentes à classe social de quem os calça. Os sapatos são carregados de forma, de significações que transcendem funções utilitárias. Sustentam, inclusive, *status* que é (re)produzido historicamente, indicando a classe social à qual a pessoa pertence.

Vale dizer que, aqui no Brasil, quando estamos revoltados ou nos sentindo injustiçados, é comum usarmos a expressão *descer do salto...*, significando uma ameaça frente a situações de abuso e injustiça praticados por alguém. Mais uma vez remete a ideia de classe e de boa educação e autocontrole. “*Você está dançando de tamanco na minha cara*” é outra expressão – nem tão comum assim, porém usada – de descontentamento e não aceitação frente a uma situação ultrajante de al por parte da/o outro/a. Geralmente com conotação de traição do parceiro/parceira ou de este/a estar fazendo cenas de ciúme. É comum, ainda, que mulheres lésbicas sejam chamadas de “sapatão”, numa clara alusão a masculinidades exercidas e desejadas por elas. O sapatão seria próprio para homem que tem, normalmente, o pé maior que a mulher. Não valorizado socialmente a mulher com pés grandes, pois não simbolizam delicadeza, característica típica feminina. Socialmente falando, é como se toda mulher tivesse que ser delicada e feminina e toda sapatão ou lésbica tivesse que ter o pé grosso e indelicado – o que não é verdade. Nem toda lésbica comporta-se com trejeitos considerados masculinos. Tampouco toda mulher masculinizada, necessariamente tem que ser lésbica.

Portanto, os sapatos estão diretamente ligados a questões para além de um distintivo de classe social e de gênero. Representam características e valores sociais perpetuados sempre numa lógica hierarquizante. Confrontar e desnudar esta lógica, confundindo nossos olhos tão acostumados e condicionados a outras lentes de análise.

Thalia esfacela os princípios que poderiam masculinizá-la, principalmente porque nasceu com o pênis, que é *medida para as coisas* (BOURDIEU, 2014). Ao escolher o salto alto e os demais artefatos que a tornam de um gênero diferente nasceu, ela ilude, desmistifica e rompe com as imposições de um mundo machista.

Ela deixa mais evidente que os papéis sexuais são definidos numa relação de poder e com base em escolhas muito suas que ela, de modo quase inocente, acaba desestruturando e põe em xeque a divisão sexual baseada, exclusivamente, no binário homem/mulher. Isso amplia ainda mais as perseguições de que é vítima. Acaba abrindo mão de privilégios que gozar por ter nascido com o órgão sexual de menino, ao não *respeitar os atributos masculinos “naturais”* (BORRILLO, 2014). Ela lança numa constante negação que confunde os guardiães do *status quo* de uma sociedade que traz em seu bojo a negação da subalternização dos que não são macho-branco-burguês-judaico-cristão.

Com base no livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (BUTLER, 2014, p. 24), afirma que se os gêneros são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um modo ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre sexos e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre da construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (será questionado), não há razão para supor que os gêneros devam permanecer em números de dois. A hipótese de um binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete ou é por ele restrito. Quando o *status* construído de gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, designar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino quanto um feminino.

Dito de outro modo, não que Thalia reforce o binário homem/mulher por ser feminina, mesmo porque a sociedade como ela não permitiria facilmente sem questionar ou persegui-la caso tornasse mulher. Fica claro, aqui, que o fato é que ela desestruturou, assim, as normas que regulam o sexo/gênero/desejo atrelados e interdependentes e transita para lugar por onde pelo menos até de se definir, se impor e empoderar-se. Torna-se uma sexualidade que deriva e arranha, desestruturando e suspendendo as verdades culturalmente perpetuadas ao longo dos tempos. Ela permite perceber que o fato de ela tornar-se mulher não necessariamente tem que tornar-se fêmea. Daí porque pensar gêneros e sexos em pares não atende às manifestações das identidades, das sexualidades e dos desejos.

Thalia implode o arcabouço de verdades sociais e nos lança num caos. Como estamos pouco acostumados a sair do lugar e colocar nossas verdades em questão, sentimos-nos desafiados – para não dizer incomodados – com a presença de

provocativo.

Ainda com base em Borrillo (2010, p. 27), podemos afirmar que para a sociedade homofóbica, ela tornou-se uma es traidora e desertora do sexo ao qual ela pertence naturalmente. Daí as negações, resistências, violências e pers sofridas por ela.

Quais motivações estão por trás da escolha do nome Thalia e do abandono do nome anterior Assussena, usado p tempo antes? Isto pode evidenciar uma busca pelo mais real, uma vez que aquele era o nome de uma outra person: mesma atriz mexicana em uma outra novela? Por que esta fixação[iii] pela mesma atriz? Seria o fato de ela assistir o ca com sua série de novelas que seguem o mesmo enredo ou por não ter acesso a outros canais ou trata-se de uma ider dela com as novelas que reproduzem, geralmente, histórias de personagens populares clichês que ascendem socialme terem sofrido as mais variadas formas de opressão? Ou tudo isso junto?

O sapatinho de salto alto é o que simboliza a entrada em outros espaços sociais antes inacessíveis à Cinderela e é sim como um vínculo com aquele mundo. Vínculo tal que é ameaçado quando perde um pé deles na ida apressada p: quando o relógio ameaçou bater a meia noite. Isso possibilitará que o príncipe possa encontrá-la.

Ao contrário dos sapatos de Cinderela que a deixam *bonita e graciosa*, o sapato de salto de Thalia a impede de socialmente de outros espaços, pois os outros a acham desengonçada e desajeitada. Também é motivo de constantes gerou desconforto nos colegas e profissionais na escola que se sentiram incomodados com sua presença, o que quase com sua expulsão daquele espaço.

O príncipe ordena que, a qualquer custo, seus súditos encontrem a moça em cujo pé caiba aquele sapato delicado entrou em nenhum outro pé das moças da redondeza. No caso de Thalia, é ela que não encontra nenhum sapato que c seu pé, ao mesmo tempo em que todas as outras meninas têm salto e goza de vantagens que os mesmos possibil grupos em que participam.

Com muito trabalho, após o sapato servir em todas as outras garotas, Thalia pega emprestado um sapato que ainda não para que tente se inserir socialmente, como sonha e deseja. Ao contrário de Cinderela, para Thalia, o sapato funcionou c rompimento, uma vez que os grupos a negavam com sapatos que tivessem saltos, fossem quais forem.

Isso nos faz perceber ainda um ranço de uma sociedade que opera numa lógica da mulher incapaz de se emancipar sc que ocorre somente a partir de sua relação com o homem (o príncipe). Nos dias atuais esse tipo de comportamento fem não) de esperar pelo seu príncipe que a resgate, é conhecido como a síndrome da Cinderela. Contudo, pode e c combatido justamente quando se considera que os papéis sociais de homens e mulheres mudaram.

Quando eu era criança, ouvi o conto popular *A gata borralheira* que é uma versão da história infantil *Cinderela* e n: evidentemente, perceber o quanto há de costumes e valores dissolvidos e nem sempre evidentes nelas. O quanto pod ser usada para docilizar as meninas que veem nesta história um exemplo de como se portar: ser boazinha, obediente e até tarde na rua.

Em minha itinerância e errância por este mundo macho, me deparo com Thalia “cinderelizando-se” e me mostrando o q identidades são fragmentadas, fluidas, volitivas, cambiantes e líquidas (Bauman, 2005; Butler, 2014; Hall, 1992; Silva, 20 são um *a priori* ou algo dado e determinado desde o nascimento. Ao contrário, conformam-se ao gosto (ou não) do própi por meio de escolhas que podem ser (in)conscientes. Então, “a reconceituação da identidade como *efeito*, isto é, como *p* ou *gerada*, abre possibilidades de “ação” que são insidiosamente excluídas pelas posturas que tomam as categ identidade como fundantes e fixas”. (BUTLER, 2014, p. 211)

Em vez de suas roupas inserirem-na na sociedade, possibilitando-a que gozasse dos seus direitos, suas vestes e seus a empurram para as margens. A cinderela Thalia espera por um príncipe que a resgate da marginalidade ou terá que co exigir o espaço que lhe tiramos com nossas ações e nossa *violência simbólica* (Bourdieu, 2014), praticada cotidianamen ela?

A proposta: e-labor-ação de material pedagógico sobre sexualidades negadas

“Um galo sozinho não tece uma manhã:

ele precisará sempre de outros galos.

De um que apanhe esse grito que ele

e o lance a outro; de um outro galo

que apanhe o grito de um galo antes

e o lance a outro; e de outros galos

que com muitos outros galos se cruzem

os fios de sol de seus gritos de galo,

para que a manhã, desde uma teia tênue,

se vá tecendo, entre todos os galos.

*E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão”.*

(João Cabral de Melo Neto)

Poema: *Tecendo a manhã*[iv] da obra)

Tomo como elemento fundante para a construção desta parte do trabalho, o conceito de currículo enquanto uma co social que se desenvolve na ação, em determinado tempo, lugar e contexto, com o uso de instrumentos culturais prese práticas sociais. Neste caso específico, a ideia de que o currículo pode ser alterado mediante o uso das TDIC (Tec Digitais de Informação e Comunicação) que se apresentam como potencializadoras de inter-ação mediatizadas pela ir seus conteúdos hipermediáticos.

Nesta perspectiva, tecnologias e currículo passam a se imbricar de tal modo que as interferências mútuas levam a re quanto o currículo pode ser alterado com práticas que possibilitem aos professores terem contato com os artefatos que ti diversidade sexual existente na sociedade como um todo e como estas sexualidades podem e devem ser considera espaços escolares e nas práticas pedagógicas.

Sabemos que os desafios a uma prática educativa emancipadora, plural e democrática são muitos. Contudo, entende não se pode mudar a realidade em que nos inserimos sozinhos que isso pode ser um empreendimento muito p localizado. É preciso considerar o que afirma SIMON (2012, p. 61), para quem “a tarefa de formular uma peda possibilidade não pode ser feita de forma isolada”. Isto só será possível, assevera o mesmo autor

Quando os/as professores/as se reúnem para voltar suas energias e atenção para a tarefa específica de construir educacionais que possam ajudar os/as estudantes a contestar e avaliar as convenções sociais, os modos de pensame relações de poder, existentes. (*Idem*, p. 60)

Considero essencial explicar as razões pelas quais preferi grafar e-labor-ação como está. Primeiro, penso em uma e baseada na criação, na participação e, essencialmente, no compartilhamento. Segundo, a internet apresenta-s ampliadora e potencializadora desses modos e é à internet, ao mundo eletrônico, que o e-, se remete, como um lugar possibilidades de (in)formações. Em terceiro lugar, o termo *-labor-* em latim significa trabalho que é o que proponi alternativa à inexistência na escola de fontes que tratem do tema, i. é, um atividade de produção, por meio de um intercrítico, reflexivo e livre, de um hipertexto (que pode ser impresso e digital) que dê início a uma discussão e reflexã professores da rede que queiram participar desse processo de estudos. Por último, a – ação, presente no termo que c intimamente ligada ao objetivo último presente em toda a discussão, que é a mudança de atitude por parte dos professor à presença de sujeitos “destoantes” nos mais variados espaços escolares da rede em que se inserem. Que possam i seus conhecimentos, valores, crenças e modo de ser, estar e interagir com o mundo e com o outro.

Com Macedo (2013), entendo hipertexto como algo que potencializa uma interatividade de ampla conectividade, o que a níveis de contato e, portanto, de possibilidades (in)formativas. É um misto de redes presenciais e virtuais formando uma aprendizagens pautadas na multirreferencialidade proporcionada pelas novas formas de produzir conhecimento.

Uso o termo hipertexto, inclusive, com base em Pretto (2010, p. 306), para quem

Hipertexto passou a ser conceito fundante a partir do trabalho de Theodor Nelson, na década de 60 do século pas proposta original de Vannevar Bush de criação de um grande mecanismo de amplificação da memória, com o estabel de links variados, apareceu pela primeira vez em um artigo publicado na revista americana *The Atlantic Monthly*, descre sistema Memex (*Memory Extension*, extensão da memória).

Segundo o mesmo autor, o

(...) hipertexto, com a ampliação das possibilidades de criação de links a partir do texto que relacionam, de forma i elementos textuais outros distribuídos no ciberespaço. São as conexões por meio dos nós que articulam textos escritos, i sons, simulações ou animações e que possibilitam pensar numa relação mais intensa entre aquilo que é posto – o real – está em potência. (*idem*, p. 306-307)

Os professores revelam uma inquietação e um despreparo para falar de sexualidades e sobre os gêneros e muitos prefe emitir opinião sobre o assunto. Porém, não devemos culpá-los por esta postura, pois também tiveram livros c experiências e vivências sociais que, seguramente, acabaram influenciando sua formação. No entanto, dispomos, com a de uma grande possibilidade de formação acerca do tema.

É pensando na dimensão colaborativa que se coloca este trabalho que visa, dentre outras coisas, que os professores de Ibititá-BA possam, efetivamente, ter um maior contato com outros meios que os permitam ampliar seu conhecimento e repensarem seus (pré)conceitos acerca do tema. Que possam emancipar-se com o acesso às mais variadas tecnologias e seus resultados-artefatos disponíveis na rede e ampliar seu olhar e seu conhecimento sobre a temática, utilizando múltiplas linguagens disponíveis na rede. De acordo com SIMON (2012, p. 75),

(...) é importante avaliar que outras tecnologias são fundamentais para contestar horizontes normalizados e as possibilidades que temos para reconstruir nossa ideia daquilo que nossos futuros podem ser. Isto deve ser levado a sério por aqueles e por aqueles/as de nós que estão tentando trabalhar com e no interior dessas tecnologias, redefinindo-as, em para levantar novas questões sobre quais práticas sociais constituem relações de justiça e compaixão e como o imaginário pode ser ampliado contra a corrente das visões limitadoras das atualmente normalizadas relações de gênero, de produtivo, de sexualidade e de saúde física. Isso se aplica não apenas a nós como professores/as, atores/atrizes e diretores/as, arquitetos/as, enfermeiros/as de saúde pública e líderes religiosos/as.

Em uma nota de pé de página, no texto *A pedagogia como uma tecnologia cultural*, Roger J. Simon deixa claro que isto implica, por meio destes argumentos, citados acima, na redução da arte, seja à educação, seja à política. Como autor, principalmente porque considero que as tecnologias culturais – que tem a maioria disponível na rede – dizem e perpetuam valores e visões de mundo, visões de sujeitos, de sociedade que podem auxiliar no processo de formação e ampliação das possibilidades educativas para além dos limitados livros-texto.

Para não concluir

Pensar a diversidade sexual presente na escola e na sociedade como um todo implica, portanto, em questionar e ampliar o currículo que temos e o não-lugar do “diferente”. Combater os mecanismos de negação ao “anormal” e o silenciamento aos que ousam comportar-se de outra forma que não a considerada “normal” e, desta forma, reafirmar seu direito à liberdade e cidadania. Para que isso ocorra, é preciso enfatizar e reforçar a necessidade de um currículo pró-heterogeneidade. O processo de combate ao currículo homofóbico requer muito empenho, postura política e democrática e, principalmente, dos professores e técnicos.

ANDRADE, Carlos Drummond de, 1902-1987. **Poesia completa**: conforme as disposições do autor; fixação de textos e ilustrações de Gilberto Mendonças Teles; introdução de Silvano Santiago. – 1. Ed., 3. impr. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Marli Eliza Dalmazo Afonso de André. – Campinas: Papirus, 1995. – (Série Prática Pedagógica)

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman; tradução, Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008. – (Coleção Primeiros Passos; 10)

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito [tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira]. – Rio de Janeiro: Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**; tradução Maria Helena Kuhner. – 12ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade/ Judith Butler; tradução, Renato Aguiar. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. – (Sujeito e História)

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1ª edição, 1992. Tradução de Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro .

LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade. – O “normal”, o “diferente” e o excêntrico. *In: Corpo, gênero e sexualidade debate contemporâneo na educação/* Guacira Lopes Louro *et al* (orgs.). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p, 41-52

MACEDO, Roberto Sidnei. **ATOS DE CURRÍCULOS**: uma incessante atividade etnometódica e fonte de análise de curriculares. *Currículo sem Fronteiras*, v. 13, n. 3, p. 427-435, set./dez. 2013

PARKER, Richard G. (Richard Guy), 1956 - **Abaixo do equador** / Richard Parker; tradução de Ryta Vinagre. – Rio de Record, 2002.

PRETTO, Nelson De Luca. **Além das redes de colaboração**: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder / Nelson De Luca Pretto, Sérgio Amadeu da Silveira : organizadores. – Salvador: EDUFBA, 2008. 232 p.

_____. **Redes colaborativas, ética hacker e educação**. Educação em Revista: Belo Horizont n.03, p. 305-316. Dez. 2010. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/v26n03/v26n03a15.pdf>. Acesso em ago. de 2

ROSSI, Rodrigo. Homens jovens em conflito com a lei e seus territórios urbanos. *In: SILVA, Maria das Graças Silva Nas SILVA, Joseli Maria* (orgs.) **Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial**. Ponta Grossa, Toda 2014.

SANTOS, Jaciel. A. Renato Russo e homossexualidades: discussões possíveis e necessárias dentro e fora da sala de aula. **Anais do III Seminário Enlaçando Sexualidades: direito, educação, gênero, religião e direitos humanos**, 2013. São Paulo: EDUNEB, 2013.

SILVA. Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ. 2013.-----

SIMON, Roger J. A pedagogia como uma tecnologia cultural. *In: SILVA, Tomaz Tadeu da* (organizador). **Alienígenas na aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 2012. p, 61-82

[1] Os nomes, aqui utilizados, foram modificados para preservar as identidades das pessoas entrevistadas.

[1] *Cinderela*. Disponível em: <http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-irtual/espaco-leituras/LITERATURA%20INFANTIL/cinde>. Acesso em jan 2014.

[1] Inclusive tem o segundo nome da atriz na vida real tatuado no antebraço direito – supostamente por um tatuador dada a simplicidade dos traços.

[1] Tecendo a manhã. Disponível em: <http://hts3.info/index.php/artigos-2/80-tecendo-a-manha>. Acesso em dez. 2014.

[1] Jaciel Alves dos Santos cursa *Mestrado Profissional em Educação, Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas* – UFBA. Especialista em *Ensino de Língua Inglesa* pela Universidade Candido Mendes (2014), em *Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e das Literaturas* pela UNEB (2013), em *Psicopedagogia Institucional* pela EADCON (2009) e *Graduação em Letras Port./Ingl. Pela São Camilo* (2005). E-mail: jaciel.27@gmail.com.

[1] Kátia Regina da Silva é Coordenadora Pedagógica. *Mestranda Profissional em Educação, Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas* – MPED – UFBA. Especialista em *Coordenação Pedagógica* (UFBA), em *Gestão Educacional* (São Paulo) e *Psicopedagogia Clínica Institucional* (UAP). E-mail: katia.pro@hotmail.com.

Recebido em: 04/07/2015

Aprovado em: 05/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: